

PROJETO PEDAGÓGICO DA REDE SALESIANA DE ESCOLAS



COLÉGIO SALESIANO
NOSSA SENHORA DA VITÓRIA - Vitória

I. MARCO REFERENCIAL

Introdução

1 - No Brasil, a ação salesiana, no campo educativo, acontece desde 1883, sempre procurando inovar sua prática pedagógica. Em 2002, iniciou-se uma nova fase, com a constituição da Rede Salesiana de Escolas (RSE).

2 - A RSE apresenta aos seus educadores, aos pais de seus alunos e a todos os envolvidos na formação dos educandos, este Marco Referencial que define e orienta seu trabalho educativo e que inspira a criação dos recursos pedagógicos, necessários para a sua implantação.

3 - Este Marco Referencial apresenta os princípios básicos, as metas e as orientações metodológicas da RSE. É o paradigma para as ações da RSE nas escolas. Particularmente, subsidia a ação educativa nos campos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

4 - A sistematização de uma reflexão e de uma prática, acumulada ao longo dos últimos 150 anos, em mais de 120 países, revela a força da intuição da proposta educativa salesiana, que se constitui numa referência para a ação educativa no Brasil e no mundo.

5 - A RSE leva muito a sério o binômio tradição-inovação. Desde suas origens, as escolas salesianas entenderam e acolheram as dificuldades e mudanças de cada época como oportunidades para extrair de seu rico patrimônio pedagógico novas e criativas respostas para os desafios de cada momento.

6 - O marco referencial de uma rede de ensino só adquire real significado quando percebido como processo no contexto de uma sociedade e de um momento histórico determinado. Por isso, é de fundamental importância a seleção cuidadosa e criteriosa dos conhecimentos, valores e métodos que essa sociedade propõe para a educação de suas crianças e jovens.

7 - A RSE assume, portanto, os desafios contemporâneos e, mediante suas Instituições Educativas, oferece uma resposta concreta, sistemática e ampla para a formação continuada e integral de seus próprios protagonistas: educandos e educadores.

II. MARCO SITUACIONAL

A Escola Salesiana

8 - Sintonizada com os desafios e programas educacionais do Brasil, a RSE segue as orientações da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ministério da Educação e Cultura (MEC), em permanente diálogo com o carisma e a missão salesiana.

9 - Construir um projeto de escola centrado nas relações entre pessoas comprometidas com a transformação da realidade em que estão inseridas, visando à contínua e indispensável formação de uma comunidade educativa: é esse o desafio que o legado pedagógico de Dom Bosco (1815-1888) e de Madre Mazzarello (1837-1881), fundadores da Família Salesiana, coloca para a RSE. Desde sua origem, no século XIX, o estilo salesiano de educar inspira-se nos valores cristãos e pauta-se no paradigma de educar pelo amor, sob o prisma da inclusão e da reciprocidade.

10 - Os princípios que fundamentam este Marco Referencial fazem da escola que integra a RSE um espaço educativo para aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a conviver e aprender a crer: a. espaço educativo para aprender a aprender, resgatando a função primeira da escola que é formar a pessoa, preparando-a para discernir e enfrentar as mudanças de uma sociedade em constante transformação;



- b. espaço educativo para aprender a fazer, onde se oferecem condições proporcionais ao estágio de desenvolvimento do educando, para a aquisição de habilidades e competências práticas;
- c. espaço educativo para aprender a ser, isto é, um ambiente favorável à construção e ao enriquecimento da identidade pessoal e coletiva
- d. espaço educativo para aprender a conviver, o que significa que, além de acolher o aluno e sua família, numa comunidade diferenciada, o modo de trabalho deve permitir a vivência de situações especialmente planejadas para a formação de uma identidade ativa e solidária com o grupo social;
- e. espaço educativo para aprender a crer, tanto em relação aos valores essenciais à convivência humana e à promoção da dignidade da pessoa quanto em relação aos valores transcendentais cristãos.

11 - Tudo isso obriga a pensar a escola como espaço privilegiado de comunicação de ideias e ideais, de reflexão e ação, de solidariedade e respeito às diferenças. Desse modo, a organização da escola, a metodologia de trabalho, os referenciais teóricos e os recursos didáticos são instrumentos para a construção desse projeto, além de caminho de qualificação constante para os educadores da RSE.

III. MARCO DOCTRINAL

Projeto de Pessoa e de Sociedade

12 - A educação salesiana está a serviço da formação integral da pessoa. Sua missão é “fornecer razões de vida e de esperança às novas gerações, mediante um saber e uma cultura elaborados, criticamente, com base na concepção da pessoa e da vida inspirada nos valores evangélicos”.

A. Perfil do Educando

13 - O Marco Doutrinal da RSE redefine modelos, estilos e conteúdos educativos e faz disso uma contribuição valiosa para a formação crítica, ética, social e política do educando, possibilitando-lhe o exercício renovado de uma cidadania participativa, construtiva e solidária.

14 - O Marco Doutrinal nasce de uma visão humanista e cristã, em sintonia com o carisma da educação salesiana, sendo esta voltada para a formação integral do ser humano como “honesto cidadão e bom cristão”, capaz de:

- a. descobrir o sentido de sua vida, num contexto mutável, flexível, de múltiplos significados
- b. descobrir o prazer de construir a própria identidade, com liberdade e responsabilidade;
- c. comprometer-se consigo mesmo e com os outros, mediante a vivência de uma cidadania ativa e responsável;
- d. buscar a felicidade mediante o desenvolvimento de suas capacidades, a convivência e a interação solidária;
- e. construir uma síntese entre vida, cultura, ciência e fé;
- f. compreender todas essas tarefas como um caminho para o crescimento contínuo, a vida inteira.

B. Crenças e Valores

15 - Na base motivadora dessa tarefa educativa, e dando-lhe consistência, encontram-se as crenças de que:

- a. na comunidade educativa, todos são educadores e vivem essa sua missão como compromisso de vida;
- b. todo educando traz consigo potencialidades para o desenvolvimento e a prática do bem;
- c. o educando é o protagonista de sua própria formação e de sua história;
- d. é possível educar evangelizando e evangelizar educando;
- e. o estilo de educação configura-se não só como método, mas também como espiritualidade;
- f. a reciprocidade é o melhor caminho tanto para se entender o relacionamento entre as pessoas como para promovê-lo.

16 - Há igualmente valores na base motivadora do projeto da RSE, operacionalizados no cotidiano da ação educativa:

- a. a presença propositiva do educador entre os educandos;



- b. a preventividade, uma das marcas da proposta educativa salesiana, entendida como geradora de um conjunto de atitudes e ações, no relacionamento entre educador e educando, em vista do futuro, na consciência de que é melhor “prevenir do que reprimir”;
- c. o ambiente educativo, que favorece o relacionamento em um clima de acolhida, de alegria e de corresponsabilidade;
- d. as forças interiores, configuradas no trinômio razão, religião e amor educativo, às quais se faz constante apelo na experiência educativa salesiana.

C. Educação Integral

17 - A formação integral exige uma ação educativa capaz de proporcionar o desenvolvimento harmônico e progressivo de todas as dimensões do ser humano, a saber:

- a. dimensão psicomotora, para a aceitação do corpo, a potencialização das habilidades físicas e motoras, a aquisição de hábitos saudáveis de vida e o desenvolvimento do sentido crítico em relação a estereótipos sociais;
- b. dimensão intelectual e cognitiva, para selecionar e organizar informações, de modo a integrar criticamente as aprendizagens e enfrentar as múltiplas situações e desafios da vida;
- c. dimensão psicoafetiva, para orientar o desenvolvimento da autonomia pessoal e a consolidação harmônica da própria personalidade;
- d. dimensão das relações interpessoais, para favorecer a adoção de atitudes de participação no grupo e de respeito para com os outros;
- e. dimensão ético-social, para desenvolver o sentido de cidadania, de pertença a determinado grupo social, de acolhida do diferente e de cooperação na construção de um mundo mais habitável, justo, solidário e humano;
- f. dimensão transcendente, para comprometer-se na procura de respostas sobre o ser humano, a história e o mundo, abrindo-se à experiência religiosa na perspectiva de um projeto de vida mais amplo e feliz.

D. Formação em Valores e Atitudes

18 - Para os educadores da RSE, a educação deve promover a autonomia do educando, tanto em seus aspectos intelectuais e cognitivos, quanto em seu desenvolvimento afetivo, social e moral. Essa autonomia tem como pontos culminantes a construção da identidade da pessoa, a conquista de um conceito positivo sobre si mesma e a formulação de um projeto de vida vinculado a valores.

19 - Tendo em conta essas tarefas, os educadores da RSE, em relação à construção da identidade do educando como pessoa, propõem-se a estimular:

- a. a alegria pelo dom da vida, com cuidado pela saúde do corpo;
- b. a autoestima e o sentimento de segurança pessoal, com consciência autocrítica;
- c. a independência e a liberdade, o sentido de responsabilidade, a capacidade de enfrentar as situações com critérios próprios e de resolver criativamente os problemas;
- d. a bondade, a integridade, a disposição de manter normas de conduta pessoal e de trabalho coerentes com as convicções próprias;
- e. a abertura para mudanças e para a formação continuada.

20 - No âmbito do relacionamento com os outros, os educadores da RSE se propõem a intensificar:

- a. a capacidade de amar, de dar e receber afeto, sem vínculos de dominação ou de dependência;
- b. o respeito para com todos, expresso pelo modo cordial de acolher as pessoas e pelos sentimentos de apreço e de amizade;
- c. a valorização do grupo humano ao qual pertencem, da sua história e cultura, e o respeito pelas diferentes maneiras de pensar e pelas distintas sociedades e culturas, cultivando a tolerância e o espírito democrático;
- d. o sentido de justiça e de solidariedade, a preocupação com os problemas dos indivíduos e da sociedade; atitudes de serviço, diálogo e compromisso com a defesa dos direitos humanos, da paz, dos mais vulneráveis, da vida;
- e. a capacidade de viver em paz diante da incerteza, da ambiguidade e do provisório.



21 - Na interação com o meio ambiente e a cultura, os educadores da RSE se propõem a desenvolver:

- a. a consciência de que o patrimônio natural e social é um bem destinado a todos, merecendo, portanto, respeito e cuidado;
- b. a valorização crítica da contribuição científica e técnica e o apreço por sua função que é serviço ao ser humano;
- c. as habilidades necessárias para o uso crítico da mídia e das novas linguagens, na sociedade do conhecimento, em vista de uma cultura de solidariedade e paz.

22 - Na abertura à transcendência, os educadores da RSE se propõem a:

- a. interessar-se por descobrir o sentido da vida e da história;
- b. confiar na pessoa e em suas possibilidades;
- c. perceber as aspirações profundas do coração humano e das limitações da realidade para satisfazê-las;
- d. reconhecer os questionamentos profundos levantados acerca da vida e do mundo, a insuficiência das respostas técnicas e que nenhuma ciência consegue explicar totalmente a realidade;
- e. uma leitura cristã da história, da sociedade e do mundo.

23 - É pensando em seus educandos e educadores e tendo em conta esses valores e atitudes, que a RSE assume a sua filosofia educacional e se compromete em oferecer às escolas que a integram os recursos pedagógicos essenciais à realização das metas propostas.

IV. MARCO OPERATIVO

Princípios Psicopedagógicos

24 - O projeto e os recursos pedagógicos produzidos e utilizados pela RSE não constituem um fim em si mesmos. Tendo em conta, porém, sua relevância para o processo educativo, são assumidos com toda a seriedade possível. Sob a ótica de um caminho em permanente construção, Escolas, diretores(as), professores(as), pais e alunos(as), assim como os autores dos livros e de outros materiais didáticos, no exercício de suas funções específicas, concorrem todos para a qualificação constante do projeto, de suas ações e de seus produtos.

A. Princípios Gerais

25 - Os educadores da RSE entendem a educação como processo de construção e desenvolvimento pessoal pelo qual o indivíduo, relacionando-se com o ambiente, com os outros e com a sociedade, cresce e se constitui como pessoa. Nesse sentido, a educação ultrapassa o espaço da escola e incide sobre a totalidade da vida do educando.

26 - Não há dúvida, contudo, de que a escola é um lugar privilegiado para o desenvolvimento das capacidades individuais e coletivas e para a análise crítica da sociedade. Por isso, os recursos pedagógicos da RSE:

- a. propõem atividades que favorecem a reflexão, bem como o uso estratégico das aprendizagens;
- b. diversificam as atividades;
- c. estimulam o trabalho em grupo cooperativo, a análise do contexto e do ambiente, a criatividade, a pesquisa, o sentido prático, o aprender a aprender;
- d. proporcionam a transferência de aprendizagens.

27 - O material didático da RSE, que constitui um instrumento muito importante para a implementação deste projeto, será complementado por atividades comunitárias, sociais e religiosas, consideradas fundamentais para a educação salesiana, cuja operacionalização se dá mediante a construção dos outros dois elementos constitutivos do Projeto Educativo: o Diagnóstico Local e a Programação Anual de cada escola. São tarefas educativas que precisam contar com a efetiva participação dos integrantes da comunidade educativa local. Todos contribuem para a construção e realização desse projeto.



B. Princípios Orientadores do Processo de Ensino – Aprendizagem

28 - O ensino é concebido pelos educadores da RSE como um conjunto sistemático de ações, cuidadosamente planejadas, ao redor das quais conteúdo e forma articulam-se permanentemente. As atividades permitem que professor e aluno compartilhem parcelas sempre maiores de significados, em relação aos conteúdos do currículo escolar. O professor orienta suas ações para que o aluno participe de tarefas e atividades que o aproximem, cada vez mais, dos conteúdos que a escola tem para ensinar.

29 - Dentro dessa visão, conceitos como os de precisão, linearidade, hierarquia e encadeamento, tradicionalmente associados à organização do currículo e às atividades escolares, cedem lugar à teoria do conhecimento como rede de significados, o mesmo acontecendo com as teorias lineares que dão sustentação ao modelo tradicional de ensino, com seus pré-requisitos, etapas rígidas e formais de ensino e aprendizagem, cadeias de conteúdos e escalas de avaliação da aprendizagem.

30 - Na perspectiva deste Marco Referencial, portanto, a apropriação de conhecimento acontece como um processo ininterrupto de transformação e de atribuição de significados e, ainda, de estabelecimento de relações entre esses significados. A cada nova interação com objetos do conhecimento, a cada possibilidade de diferentes interpretações, um novo ângulo se abre, significados se alteram, novas relações se estabelecem e possibilidades de compreensão são criadas. A apreensão de um conceito, ideia, fato ou procedimento se dá por meio das múltiplas relações que o educando estabelece entre os diferentes significados desse mesmo conceito. Assim, a compreensão do que é aprendido e sua estabilização como aprendizagem significativa dependem da qualidade e quantidade dessas relações.

31 - Na prática escolar, essa perspectiva implica articular ensino e aprendizagem, conteúdo e forma de transmiti-lo, em um ambiente escolar, cada vez mais favorável à aprendizagem. Nesse ambiente, todas as ações devem favorecer o processo múltiplo, complexo e relacional de conhecer e incorporar dados novos ao repertório de significados daquele que aprende, de modo que ele possa utilizá-los na compreensão orgânica dos fenômenos e no entendimento da prática social.

C. Avaliação Escolar

32 - A avaliação funciona como uma lente que permite focalizar o aluno, seus avanços e necessidades. O ensino do professor é regulado pela aprendizagem do aluno, que não pode ser medida, unicamente, por meio de uma escala numérica, relativa a um período curto de tempo, com um momento pré-fixado para a avaliação.

33 - A avaliação integra o próprio processo de trabalho do aluno, no dia-a-dia da sala de aula, nos momentos de discussão coletiva e de realização de tarefas, em grupos ou individuais. Nesses momentos, pode-se perceber se o aluno está ou não se aproximando dos conceitos e habilidades considerados importantes. O professor pode, ainda, localizar dificuldades e auxiliar para que essas sejam superadas, mediante intervenção, questionamento, complemento de informações ou busca de novos caminhos de aprendizagem.

34 - É em razão disso que a avaliação não pode ser feita por meio de um único instrumento, nem se restringir a um momento apenas, para avaliar, de fato, a aprendizagem de diferentes alunos, levando em consideração suas múltiplas competências e formas de aprender, seus bloqueios emocionais e seu envolvimento externo ao ambiente escolar. As ações de avaliação necessitam de fornecer condições para que o professor analise, instigue, reflita, envolva-se e tome decisões e providências junto a cada aluno. Nessa perspectiva, aluno e professor se avaliam mutuamente.

D. Concepção Curricular

35 - O currículo explicita as escolhas antes mencionadas e as ideias que sustentam este Marco Referencial, operacionalizando a visão de cultura que se deseja promover na RSE. Concebido no contexto de um processo social específico, o currículo molda o projeto e, como tal, veicula pressupostos, concepções, valores e visões da

realidade. Ele orienta as escolhas dos conteúdos e dos métodos de ensino, transformando práticas existentes ou qualificando-as.



COLÉGIO SALESIANO
NOSSA SENHORA DA VITÓRIA - Vitória

36 - Currículo e contexto influenciam-se, mutuamente, o que faz, por exemplo, com que uma alteração curricular venha junto, ou até depois, de mudança sem contextos escolares. Uma mudança curricular, portanto, não se restringe a acrescentar, modificar ou eliminar conteúdos, disciplinas ou textos. Essa ação pretende mudar a atitude ante o conhecimento e conscientizar o aluno a respeito de sua própria formação. Busca fazer da aprendizagem um processo de construção de significados, realiza novas atividades para que o aluno aprenda de outra forma e conecta as experiências prévias desse aluno com o conhecimento elaborado.

37 - Assim, a elaboração do Marco Referencial e de seu currículo, para a RSE, mais que a simples redação de um novo plano, pretende alcançar a modificação simultânea dos contextos organizativos escolares, com suas disponibilidades materiais e com seus condicionamentos políticos e profissionais, estabelecidos ou presumíveis. Na prática, o plano curricular, que descreve o currículo escolhido pela RSE, busca indiretamente regular a estrutura de todo o sistema, as especializações e competências dos professores, a política de avaliação de resultados e a política de produção e consumo de materiais.

38 - As experiências das escolas devem constituir a base de um projeto geral, uma vez que inovações, em Educação, pressupõem um diálogo constante entre os agentes participantes, entre ideias e comportamentos velhos e novos. O professor deve atuar com base num projeto coerente e coletivamente elaborado, evitando-se, assim, que estilos individuais acabem por determinar o funcionamento das escolas, especialmente quando experiências de trabalho integrado e cooperativo deixam de existir na realidade que se deseja modificar.

39 - Planejar o currículo nos níveis político e administrativo consiste em selecionar parcelas de cultura básica para a formação de cidadãos, e isso exige que se esclareçam os critérios culturais, sociais e profissionais que justificam as opções feitas, derivando daí as medidas adequadas para torná-las viáveis na prática.

40 - O plano curricular da RSE prevê a produção de material instrucional, escrito ou em outras configurações, para alunos e professores. Esse material é componente essencial deste Marco Referencial, uma vez que concretiza metodologias, conteúdos específicos, avaliação, tempos, espaços e recursos. Além disso, exige a formação continuada dos professores, da Coordenação Pedagógica e da Orientação Educacional no apoio e acompanhamento à utilização desse material. Exige, ainda, a colaboração de todo o ambiente educativo - com seus recursos humanos, suas atividades extracurriculares e suas estruturas físicas - para o feliz êxito do currículo oculto